

Entre Imposições e subversões:

discursos educativos sobre o Corpo, a Sexualidade e o Desejo Feminino na Revista Paraná Médico (1916-1930)

Alexandra Padilha Bueno¹
Silvia de Ross²

Resumo: Buscou-se neste artigo, analisar os debates e disputas que ocorreram em torno de ações educativas voltadas às mulheres, a partir da investigação da revista Paraná Médico (1916-1930). Foram selecionados artigos que tratam de casos clínicos descritos por médicos cuja temática se voltasse para as questões do corpo, do sexo e do desejo das mulheres. O objetivo do estudo foi compreender as práticas educativas não formais impostas às mulheres a partir da perspectiva da idealização do que era considerado sua função social no período estudado e identificar possíveis formas de resistência e subversão. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições do contextualismo linguístico de Pocock (2003) e Skinner (2002), entendendo discurso como *ato de fala*, ação, atuação sobre o real e constituição da realidade, bem como na categoria analítica gênero de Joan Scott (1995). A revista destacava uma função idealizada das mulheres e seus papéis sociais de mães, esposas e donas de casa, entendendo-as como o núcleo central da família e responsáveis pela manutenção de uma ordem social heteronormativa, eurocentrada, branca e de dominação masculina - tal como preconizavam preceitos eugênicos em circulação no período. Os autores em seus textos, atribuem às mulheres que não se comportavam da maneira considerada por eles como adequadas, adjetivos como: histéricas e nervosas. No cotejamento das fontes, foi possível observar que houve por parte dessas mulheres condutas e comportamentos que buscavam a resistência e a subversão a partir de um discurso contraditório em relação às expectativas sociais que eram a elas atribuídas.

Palavras-chave: História da educação das mulheres; Pedagogias da sexualidade; Gênero; Práticas educativas; Ciência médica.

Abstract: This article aims to analyze the debates and disputes that occurred around educational actions aimed at women, based on research by the journal Paraná Médico (1916-1930). Articles that deal with clinical cases described by doctors whose themes focused on issues of women's bodies, sex and desires were selected. The aim of the study was to understand the informal educational practices imposed on women from the perspective of the idealization of what was considered their social function in the period studied and to identify possible forms of resistance and subversion. The research is based on the contributions of linguistic contextualism by Pocock (2003) and Skinner (2002), understanding discourse as an act of speech, action, acting on reality and the constitution of reality, as well as on the analytical category of gender by Joan Scott (1995). The magazine highlighted an idealized function of women and their social roles as mothers, wives and housewives, understanding them as the central nucleus of the family and responsible for maintaining a heteronormative,

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professora Colaboradora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/ Campus Paranaguá). E-mail: alexandra.bueno@unespar.edu.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Colaboradora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/ Campus Paranaguá). E-mail: silvia.ross@unespar.edu.br

Eurocentric, white and male-dominated social order - as advocated by eugenic precepts in circulation at the time. In their texts, the authors attribute adjectives such as hysterical and nervous to women who did not behave in the manner they considered appropriate. When comparing the sources, it was possible to observe that these women had conduct and behaviors that sought resistance and subversion based on a discourse that contradicted the social expectations that were attributed to them.

Keywords: History of women's education; Pedagogies of sexuality; Gender; Educational practices; Medical science.

Between Impositions and Subversions: Educational Discourses on Body, Sexuality and Female Desire in the Paraná Médico Magazine (1916-1930)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos uma análise do discurso educativo presente nos artigos publicados na revista *Paraná Médico*, entre 1916 e 1930, que abordaram temáticas relacionadas ao corpo, sexualidade e desejos femininos. Como destacado por Ross (2012), o periódico utilizado como fonte documental para construção deste trabalho, desempenhou um papel relevante na formação da imagem dos médicos, posicionando-os como uma elite intelectual responsável pela regeneração do Brasil. Essa perspectiva engloba a promoção da ciência como orientação para ação em esferas pública e privada, enfatizando a educação como um meio privilegiado para disseminar os princípios de uma nova cultura científica. A fundação da revista *Paraná Médico* em 1916 constitui-se em um espaço de divulgação das opiniões de um grupo de médicos vinculados à Sociedade de Medicina do Paraná (1914). A publicação estendeu-se até 1930.

Com base nessas fontes, o objetivo deste trabalho é examinar os debates e discussões relacionados às práticas educativas dirigidas às mulheres, buscando estabelecer os comportamentos femininos considerados pelos autores como "ideais" ou "normais" e identificar quais condutas eram percebidas como "anormais" ou "desviantes". Busca-se também identificar os espaços de resistência e subversão, encontrados pelas mulheres em relação a esse discurso.

Neste sentido, pretende-se compreender as configurações da feminilidade do período estudado, bem como as questões relacionadas às elaborações e percepções do que era o feminino para os médicos da revista *Paraná Médico*. Sendo assim, adotamos a perspectiva analítica de gênero proposta por Scott (1995) para compreender os discursos veiculados na

revista *Paraná Médico*. Ao explorar a dimensão do gênero como uma construção social que influencia as práticas discursivas no campo da saúde e da educação da mulher, buscamos identificar como as normas, valores e representações de gênero são articulados pelos médicos em suas enunciações na revista. Outrossim, examinamos não apenas o conteúdo explícito dos discursos, mas também as nuances sutis que refletem e reforçam as relações de poder e as expectativas de gênero presentes no contexto do discurso médico. Essa abordagem permite uma análise aprofundada das dinâmicas de poder subjacentes aos discursos na *Revista Paraná Médico*, contribuindo para uma compreensão mais ampla das interações entre linguagem, gênero e práticas de educação e saúde.

As primeiras décadas do século XX no Brasil foram marcadas pelo processo de institucionalização científica e profissionalização da medicina, assim como pela defesa e confiança nas soluções apresentadas pela ciência e no processo de consolidação do seu caráter experimental (Ferreira; Fonseca; Edler, 2001; Sá; 2006). Entendendo-se como arautos da modernidade, os médicos – inclusive os autores dos artigos publicados na *Revista Paraná Médico* – assumiram o compromisso de estruturar os fundamentos da sociedade brasileira mediante a promoção de uma nova cultura científica (Mota, 2003; Ross, 2012). Eles acreditavam fazer parte de uma verdadeira cruzada, não apenas para levar à cura das doenças, mas para edificar todos os elementos civilizatórios que o governo republicano brasileiro ainda não havia conseguido implementar (Mota, 2003, p. 27). Nesse ínterim, a criação de uma imprensa especializada desempenhou papel fundamental no processo de institucionalização científica da medicina, ampliando a audiência e a legitimidade do discurso médico em diversas esferas sociais (Ferreira, 1999).

São utilizadas para compor a análise dos documentos aqui explorados as contribuições de Louro (1997). Para essa autora, as pedagogias da sexualidade, constituem um campo de estudo que examina como as práticas educativas, tanto formais quanto não formais, moldam e são moldadas pelas concepções de gênero, sexualidade e corpo. Nesse contexto, a análise das contribuições de Guacira Lopes Louro (1997, 1990), permitem compreender que as pedagogias da sexualidade não se restringem ao ambiente escolar, mas permeiam diversos aspectos da vida social, influenciando e sendo influenciadas pelas normas e expectativas sociais em torno do sexo e do desejo. Ao investigar a revista *Paraná Médico* no período de 1916 a 1930, percebe-se como as narrativas médicas sobre a sexualidade feminina, ancoradas em uma visão heteronormativa, eurocentrada e patriarcal, funcionavam como instrumentos de uma pedagogia sexual que visava prescrever comportamentos e reforçar papéis de gênero.

Louro argumenta que essas pedagogias são mecanismos de poder que atuam no sentido de normatizar e disciplinar os corpos, ao mesmo tempo em que oferecem espaços de resistência e subversão. A partir do estudo dessas práticas educativas não formais impostas às mulheres, o artigo permite entrever como a idealização de funções sociais baseadas no gênero pode ser contestada e reconfigurada, evidenciando a capacidade de agência e resistência das mulheres diante de discursos e práticas opressivas. Assim, a abordagem de Louro sobre as pedagogias da sexualidade enriquece a análise contribuindo para uma compreensão mais ampla dos processos educativos que transcendem os limites da formalidade.

A inquirição das fontes documentais, na abordagem deste trabalho, foi realizada a partir da perspectiva do contextualismo linguístico (CL), proposta por Skinner (2002) e Pocock (2003). Conforme ressaltou Skinner (2002), o discurso é ação que se dá no uso da linguagem. Ao realizar um *ato de fala*, com caráter contratual, estabelece-se um conjunto de regras para usos da linguagem e o compromisso de cumprimento entre as partes. Atenção especial foi dada aos jogos de linguagem, à retórica e às estratégias discursivas dos médicos e dos casos clínicos de mulheres que de alguma forma não correspondiam às expectativas do que era considerada a função social da mulher do período. O conceito de linguagem é aqui entendido a partir das proposições de Pocock (2003): como uma forma de ação, de atuação sobre o real e de constituição da realidade.

Almejamos aqui, identificar uma linguagem específica que permeia o debate sobre saúde e educação da mulher, expresso nos discursos veiculados na Revista Paraná Médico. Nosso objetivo foi compreender as ações dos médicos ao enunciarem seus discursos na referida revista, conforme discutido por Skinner (2002), assim como as estratégias discursivas empregadas por eles durante a interação comunicativa, onde se estabeleceram as normas para o uso da linguagem.

Ao estabelecer uma conexão entre os enunciados produzidos e o contexto linguístico disponível no momento da redação do texto, entendido como o "repertório de ideias com as quais o autor do ato de fala dialoga no momento do pronunciamento" (Ross, 2012, p. 23), investigamos questões como "quando", "como", "porquê" e "por quem" o discurso foi elaborado. Além disso, foi imperativo analisar os termos presentes nos textos em seus contextos de uso.

Assim, a análise não se limitou apenas aos significados das palavras nos textos, mas também se concentrou no contexto de sua enunciação, nos usos e nos campos semânticos,

visando compreender a linguagem compartilhada na revista em questão e entre os agentes sociais envolvidos.

O texto inicia com a seção: **Os discursos sobre o feminino e a feminilidade na revista Paraná Médico**, na qual lançamos luz sobre as complexas experiências vividas pelas mulheres no contexto paranaense das primeiras décadas do século XX a partir da construção de um diálogo teórico com os conceitos e também a identificação, a seleção, o uso e os elementos constitutivos do *corpus documental* que foi utilizado na análise e na interpretação da pesquisa histórica aqui desenvolvida.

Na segunda seção, **Históricas e Nervosas**, nossa análise se concentra nas fontes selecionadas que tratam especificamente dos casos médicos de mulheres diagnosticadas como históricas e nervosas. Propomos aqui uma reinterpretação de fontes, que por vezes foram lidas e interpretadas apenas a partir da perspectiva masculina, neste, questionando a validade dessas classificações e explorando as possíveis motivações por trás desses diagnósticos.

Os discursos sobre o feminino e a feminilidade nas páginas da revista Paraná Médico.

Explorar as experiências de ser mulher no contexto brasileiro das primeiras décadas do século XX a partir de práticas educativas formais e informais, representa uma faceta essencial no campo da História da Educação nas últimas décadas, especialmente devido à sua conexão intrínseca com a inserção de novas camadas sociais de mulheres na cena pública e nas concepções relacionadas à formação delas em diversas áreas de atuação, bem como, as configurações do feminino e feminilidade do período estudado. Para abordar essa temática, entendemos ser essencial uma reinterpretação de fontes, as quais, inúmeras vezes, destacam a história sob uma perspectiva masculina, uma vez que as ações envolvendo mulheres nem sempre foram oficialmente documentadas e que em muitas situações, as narrativas femininas se entrelaçam às histórias masculinas (Perrot, 2017). Conforme aponta Louro (1999),

as muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente [...]. Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (LOURO, 1999, p. 7).

O espaço da imprensa, considerado um meio de expressão que molda a opinião pública (Perrot, 1998), desempenhava um papel fundamental ao definir ou redefinir as experiências cotidianas, evidenciando as expectativas entre o novo e o antigo, de modo a

conformá-las do ponto de vista das exigências do progresso. A imprensa regional especializada nos saberes médicos, nos permite uma ampla visada no que se refere aos jogos de linguagens utilizados para a configuração do feminino e da feminilidade e das possibilidades de resistência e de subversão seja dos lugares sociais designados a essas mulheres, seja no que se refere ao seu corpo, sexo e desejos.

O impresso Paraná Médico, pode ser encontrado em diferentes acervos na cidade de Curitiba, em bibliotecas públicas e particulares, um número significativo das publicações da revista encontra-se na Biblioteca Pública do Paraná. Conforme Ross (2012), a revista deu voz às perspectivas de um grupo de médicos ligados à Sociedade de Medicina do Paraná e professores da Faculdade de Medicina do Paraná (1914), que abordaram as questões médicas e educacionais do Estado. Inicialmente, o periódico circulou entre 1916 e 1920, passou por uma interrupção de cinco anos e foi retomado em 1925. Houve uma nova pausa entre 1927 e 1929, sendo retomado pela última vez em 1930, marcando o encerramento de sua trajetória. A revista era encontrada na Livraria Mundial, onde compartilhava espaço com jornais renomados da época como *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *A noite*, *A Lanterna*, *Estado de São Paulo* e *A Revista da Semana*, do Rio de Janeiro. Seu financiamento era proveniente dos membros da Sociedade de Medicina do Paraná, dos proprietários de farmácias (Pharmacias: “Esphinge”, “Poloneza”, “André de Barros”, “Allemã”, “Moderna”, “Arruda”), laboratórios (“Laboratorio Central”) e de indústrias farmacêuticas (como Schering e Bayer). Estas últimas ocupavam as páginas iniciais e finais da revista com anúncios de seus estabelecimentos e produtos, assim como as clínicas dos médicos que também recebiam destaque.

A publicação mensal proposta para o periódico não foi seguida à risca, como já destacado, e, em média, cada número agrupava cerca de dez páginas. Diversos exemplares apresentavam uma periodicidade diferente, indo desde bimensais até semestrais. Paola (2008) aponta que esse descompasso nas publicações se deve, em grande parte, a restrições econômicas enfrentadas pela revista. Ela salienta que o impresso era mantido pela própria Sociedade de Medicina do Paraná (1914), não contando com o apoio de outras instituições. Por outro lado, Cintra (2010) destaca, em sua análise, que a revista Paraná Médico também constituía lugar de certa especulação comercial, com propaganda de farmácias e laboratórios.

Destacamos aqui a diversidade de temas abordados nos artigos do Paraná Médico. Eram encontrados desde assuntos concernentes à própria Sociedade de Medicina do Paraná, questões relativas à saúde das mulheres, cirurgias estéticas do rosto, até conteúdos sobre a

gripe espanhola, a tuberculose, a sífilis, o charlatanismo e o espiritismo. Entretanto, ao longo da trajetória do periódico, observa-se um foco crescente e significativo no que concerne às discussões relacionadas às diferentes áreas da clínica médica, dentre as quais figuram os 19 textos utilizados na presente análise e a partir dos quais é possível analisar uma linguagem partilhada no que concerne ao normal e ao patológico sobre as mulheres no período. Todavia, neste artigo, foram selecionados apenas alguns desses textos. Esta opção se deu por uma opção de focar o olhar pelas lentes da história de mulheres que se tornaram objeto de diagnósticos médicos, a partir de um viés teórico-metodológico específico.

O uso da linguagem é o ponto comum para o registro das experiências, sendo que o emprego dos termos e das variáveis de sua utilização podem ser analisados a partir do Contextualismo Linguístico (Pocock, 2003). Ao observarmos as ideias que se propagavam acerca do feminino e da feminilidade e por sua vez da educação da mulher, nos detivemos nas estruturas de comunicação, entendendo-as como “[...] um campo de estudos constituído por atos de discurso, sejam eles orais, manuscritos ou impressos, e pelas condições ou contextos em que esses atos foram emitidos” (Pocock, 2003, p. 64).

Segundo Vieira (2017), a aplicação do Contextualismo Linguístico pode proporcionar uma análise abrangente do contexto social no qual o (a) autor (a) e o texto estavam inseridos, viabilizando a compreensão dos projetos de ação em andamento (projetos políticos) e a história geral do período (p. 45). A operação ou mesmo a elaboração de um contexto linguístico comum, como local de debates, pode evidenciar as apropriações e fusões de termos normativos de outras áreas no discurso político (Vieira, 2017). Em diálogo com propostas eugênicas³ em circulação no período, as quais coadunavam com uma lógica eurocentrada, heteronormativa e de dominação masculina (Bourdieu, 2012), os médicos da revista analisada também buscavam consolidar um projeto político que envolvia a busca por um ideal de modernidade. Por meio do discurso educativo sobre as mulheres, mediando suas experiências a partir de uma linguagem médica específica, o periódico foi instrumento da ação médica na busca por impor uma função social considerada por eles como adequada para elas no âmbito do Paraná durante as primeiras décadas do século XX.

³ Conforme a análise de Kobayashi, Faria e Costa (2009, p.317), o termo eugenia, originado do grego "eugenés" por Francis Galton para descrever o movimento de aprimoramento da raça, pode ser examinado sob três perspectivas: 1) etimologicamente, denotando bem-nascido; 2) enquanto um movimento social, no qual a eugenia representa a incessante busca da sociedade pela melhoria de sua constituição e pelo estímulo à reprodução dos indivíduos considerados mais aptos; 3) como uma ciência, proporcionando uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana. Para saber mais sobre a circulação de propostas eugênicas no período, veja: Mota, André. 2003; Stepan, Nancy Leys. 2005; Schwarcz, Lilia Moritz. 2001.

Históricas e nervosas

A primeira publicação da revista *Paraná Médico* ocorreu em agosto de 1916, na cidade de Curitiba, Paraná. Nesta edição, encontra-se um artigo assinado pelo Dr. Miguel Severo de Santiago⁴, médico que compartilhava com seus colegas seu parecer acerca do que denominou como um caso de histeria envolvendo uma mulher nomeada por ele como M. Ao longo de seu relato na revista, descreveu os atributos que considerava anormais no corpo e comportamento da jovem, destacando as convulsões como evidência patológica. Ao analisar os episódios convulsivos de M., Santiago relatou a ocorrência:

[...] tive ocasião de observar diversos daqueles ataques, os quais se iniciavam por uma curta aura consistindo na contração dos masseteres e amortecimento da língua. O ataque apresentava a forma epileptoide com três estágios: crônico, tônico e resolutivo. O despertar sobrevinha naturalmente, após ligeiro espasmo. (SANTIAGO, 1916, p. 06).

Pautando-se em uma entrevista realizada com uma pessoa não identificada, Santiago (1916) abordava a trajetória e o comportamento de M. Segundo ele, M. destacava-se por ser uma mulher intelectualmente desenvolvida, com formação em literatura e habilidades na escrita de contos imaginativos com elementos místicos. Em suas narrativas, M. expressava emotividade. Havia o relato de que desde a infância, a paciente evidenciava traços de obstinação e rebeldia diante de imposições, embora demonstrasse facilidade de ser influenciada quando conduzida adequadamente. O médico atribuía a debilitação da saúde de M. a uma combinação de excesso de imaginação, leitura, escrita, adversidades emocionais e alimentação insuficiente. A saúde fragilizada de seu pai, que falecera em março de 1915 de tuberculose, mergulhou M. em um estado prostrado, manifestado por desmaios, gritos e contração no queixo, o que dificultava a ingestão de alimentos e medicamentos (Santiago, 1916, p. 07).

No que diz respeito ao comportamento de M., o médico mencionava que ela fazia referência a uma carta escrita por ela para sua mãe, na qual expressava suas expectativas quanto às mudanças políticas do estado e comentava sobre a agitação da vida pública na região em que vivia.

⁴ Devido à complexidade em discernir entre os profissionais da área médica nas primeiras décadas do século XX no Brasil, os termos médico e doutor serão empregados como sinônimos neste texto. Naquele período, os graduandos das Faculdades de Medicina brasileiras eram identificados como médicos e, ao defenderem uma tese inaugural ou doutoral, recebiam o título de doutor.

E isto é o principal... Felizmente para nós e para o Paraná inteiro o F. descerá, a toques de lata e foguetes de assobio, as escadas do, dentro de pouco tempo. Com certeza sobre o S. E então as cousas mudarão para nós, não é? (...)

A política por aqui continua na mesma agitação. Ontem, ainda titio Z. publicou mais um *cotuba* no “.....” (SANTIAGO, 1916, p. 09).

Santiago relata que M. redigiu uma carta sobre política em cinco tiras de papel, numerando cada uma. Apesar de ter o médico acessado essa epístola e ter cogitado publicá-la, optou por não o fazer para evitar ofender personalidades políticas importantes da época que teriam sido citadas na referida missiva (Santiago, 1916, p. 09). Não é possível afirmar que o médico tenha transcrito integralmente a carta de M. no relato à revista, mas o fato é que Santiago utiliza a carta no artigo para justificar seu diagnóstico. A ênfase dada por Santiago ao fato de M. ter numerado as tiras de papel é contraditória, pois ele mencionara anteriormente no relato que ela sofria de afasia motora para os números, ou seja, não conseguia numerar corretamente. O próprio médico admite sua surpresa ao constatar que M. redigiu uma carta numerada com informações bem articuladas, apesar de tê-la diagnosticado anteriormente com mobilidade mental delirante e associado sua história à presunção de histeria (Santiago, 1916, p. 09).

A formação de M. em literatura e habilidade na escrita de contos imaginativos, destaca uma esfera intelectual muitas vezes associada à feminilidade. Contudo, ao mesmo tempo, são mencionadas características como obstinação e rebeldia, que desafiavam estereótipos de gênero da época. Neste sentido, ao mesmo tempo em que a descrição feita por Santiago, destacava representações sobre o gênero que coadunavam com o que era norma para a feminilidade da época, ele coloca em xeque o comportamento de M. que desafia essa mesma norma. A saúde do pai de M. em seu estado emocional e físico sugere uma interconexão entre as experiências femininas, as relações familiares e a saúde. A interpretação médica da histeria da jovem e a atribuição de sua condição a fatores como excesso de imaginação e instabilidade emocional são consistentes com estereótipos históricos de mulheres como emocionalmente frágeis.

As palavras do médico Miguel Santiago não apenas descrevem um caso entendido por ele como histeria, mas também são atos de fala que tentam moldar a percepção do leitor e, potencialmente, as experiências da jovem M. As descrições detalhadas do médico sobre os atributos anormais no corpo e comportamento da jovem M., bem como a ênfase nas convulsões como evidência patológica, buscam apresentar objetividade e autoridade médica.

Ao mesmo tempo, podem ser vistos uma dimensão persuasiva, que buscam convencer o leitor sobre a condição da paciente.

Os atos de fala do médico e a construção de gênero na narrativa estão entrelaçados com dinâmicas de poder. A descrição meticulosa, própria da linguagem médica, é utilizada no sentido de conferir cientificidade e natureza de autoridade médica ao discurso. No entanto, a interpretação do comportamento de M. e a atribuição de sua condição podem refletir normas de gênero prevalentes no período, destacando como as mulheres eram frequentemente patologizadas com base em padrões culturais vigentes. A linguagem utilizada e as escolhas narrativas não apenas tem a pretensão da compreensão clínica do caso, mas também de definir a condição social da paciente.

Assim, podemos observar como a linguagem não apenas comunica, mas também age como uma força que atua no sentido de constituir significados, integrando às relações de poder, às realidades e as identidades sociais e construindo gradativamente o sentido desta em cada espaço, tempo e cultura.

Neste sentido, é no bojo dos processos espaciais, temporais, culturais, que definimos o que consideramos, ou não, como natural. Também neste dealbar produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas (Louro, 1999). Aos corpos, como parte da natureza e da biologia, também são atribuídos sentidos socialmente ao tornarem-se objetos da linguagem. O corpo de M., assim o de outras mulheres, foi lugar da construção de sentidos de uma determinada cultura acerca de como a identidade de gênero e sexual poderia ser expressa e essa definição foi constituída por uma teia de relações de poder às quais diversas mulheres, à exemplo de M. tentaram resistir por meio de condutas consideradas anormais ou desviantes.

Na edição do mês de outubro do mesmo ano, outra menção de uma condição considerada anormal foi publicada: a aerofagia, conhecida popularmente como prática do arrote, foi discutida por Gabriel Nowicki. Ao abordar essa condição, o médico traçou um perfil do que seria um indivíduo aerofágico. Segundo Nowicki (1916, p. 36), seria suspeita a presença de aerofagia quando o paciente utiliza colarinhos largos ou virados, e no caso das pacientes mulheres, quando utilizavam blusas decotadas.

O médico sugeria uma relação direta entre mulheres que usam roupas decotadas e o "tic do arrote". Ele argumentava que as causas dessa condição seriam diversas, destacava pacientes predispostas ao nervosismo, verdadeiras neuróticas e histéricas, que iniciam com a

aerofagia e terminam com uma dispepsia⁵. O tratamento preconizado pelo Dr. Nowicki consistia unicamente em reprimir o arroto, considerando isso suficiente para lidar com o problema.

Pode-se observar a recorrência da figura feminina no discurso do Dr. Nowicki, associada não apenas aos decotes, mas também à aerofagia. Ao examinar a condição de aerofagia associada ao uso de roupas decotadas, é possível identificar a construção social de gênero. A interpretação do Dr. Nowicki sugere que as mulheres, ao adotarem vestimentas consideradas mais reveladoras, estariam predispostas a uma condição médica específica. Isso evidencia a imposição de normas de comportamento e a maneira de vestir das mulheres, além de sugerir que seus corpos e escolhas estéticas podem ser patologizados. A medicalização do corpo feminino, nesse contexto, servia como um instrumento de controle social, reforçando estereótipos e limitando a autonomia das mulheres em relação às suas escolhas pessoais.

No escopo desta pesquisa, outra fonte examinada trata do que foi considerado como mais um caso de anormalidade no corpo feminino: o de *Aphonia hysterica*, descrito na apresentação do Dr. Leonidas Ferreira à Sociedade de Medicina do Paraná em 19 de janeiro de 1918, no periódico *Paraná Médico*.

A paciente, identificada como N., uma mulher solteira, brasileira de 20 anos, teria “ataques nervosos” há quatro anos. Em janeiro de 1917, ao procurar ajuda médica, queixava-se de problemas na garganta e apresentaria quase completa afonía. A paciente teria atribuído a doença a um conflito com sua futura sogra ou a um resfriado após um banho quente. Leonidas Ferreira ressaltou que os exames não revelaram anomalias na garganta, e que as cordas vocais funcionavam perfeitamente (Ferreira, 1918).

Considerando a anamnese, o médico prescreveu para N. calmantes e injeções de mercúrio para possíveis lesões sifilíticas. No entanto, o tratamento com mercúrio não teve sucesso, aumentando a afonía e a irritação da paciente. Após várias tentativas, incluindo aplicações elétricas no pescoço, psicoterapia e calmantes, a paciente mostrou melhora temporária, mas a terapia psíquica tornou-se complexa devido ao “desânimo e abalo emocional da paciente” (Ferreira, 1918).

Apesar da melhora temporária após as aplicações elétricas, a paciente voltou a apresentar afonia em março do mesmo ano, o que foi associado à morte de uma amiga. Nesse mês, de acordo com Ferreira (1918), o tratamento psicoterapêutico teria sido mais aceito e a

⁵ Dispepsia é uma sensação de dor ou desconforto na parte superior do abdome; muitas vezes é recorrente. Pode ser descrita como indigestão, gases, saciedade precoce, empachamento pós-prandial, sensação de corrosão interna ou queimação. (Manual DSD).

voz da paciente completamente restaurada em quinze dias. Posteriormente, precisou de auxílio devido a uma crise nervosa intensa, mas eventualmente recuperou-se sem a necessidade de intervenção cirúrgica.

A condição de afonia foi interpretada pelo médico como nervosismo, sendo atribuída a desentendimentos com a futura sogra e à morte de uma amiga. Notavelmente, a paciente só foi considerada completamente curada após seu casamento, refletindo uma concepção cultural que associa a normalidade à mulher como mãe e esposa. Neste sentido, a medicalização do comportamento feminino e a busca pela inserção das mulheres nos padrões culturais adequados ao contexto estudado, havia por parte desses médicos uma tentativa do controle do comportamento feminino, reforçando assim as expectativas da época sobre os papéis de gênero.

Dr. Leandro Cejas (1926), ao abordar formas anômalas de malária, também enfatizou uma forma neurótica ou histérica da doença, mais uma vez associada ao nervosismo feminino. Neste caso, há persistência da construção da mulher nervosa como uma categoria médica, refletindo uma busca contínua pela patologização de comportamentos que não se alinhavam às expectativas sociais sobre a mulher.

Um aspecto singular e questionável pode ser encontrado no texto do Dr. Clóvis Corrêa Costa, datado de dezembro de 1925, no qual ele analisa uma paciente de 36 anos com sintomas da menopausa. O médico associou a amenorreia aos fenômenos nervosos, descrevendo a paciente como tendo "uma vida miserável, quase a levando ao suicídio". O enxerto de ovários de cabra é apresentado como um meio de melhorar o estado da paciente. Aqui, o discurso não apenas estabelece padrões de normalidade, mas também destaca a influência das expectativas sociais nas abordagens médicas, buscando soluções que se alinhavam às normas culturalmente estabelecidas em relação ao corpo feminino (Costa, 1925).

No início de 1926, a revista aborda o tema da "Síndrome Cecal", referindo-se à constipação, no qual o Dr. Miroslau Szeligowski destacava a importância de verificar a saúde intestinal da futura esposa antes do casamento (Szeligowski, 1926). O caso clínico de uma mulher foi retratado como um objeto a ser avaliado pelo homem, sendo sua capacidade reprodutiva considerada crucial para a felicidade conjugal. Essa visão reforçava normas culturais e subordinava a mulher a um papel específico, limitando sua autonomia e valorizando-a unicamente pelo potencial reprodutivo.

A abordagem de Henrique Roxo sobre o "Nervosismo nas doenças do útero e dos ovários" introduz a uma complexidade de relações entre o sistema reprodutivo feminino e o nervosismo. O discurso destaca a influência dessas condições na manifestação do nervosismo, mas também revela contradições ao mencionar os extratos de ovário, que podem intensificar a libido. Neste contexto, Roxo perpetuava a visão da mulher como um corpo biologicamente definido, ao mesmo tempo que reconhecia a complexidade da interação entre condições médicas e comportamentais.

Em um artigo datado de 19 de janeiro de 1917, intitulado "Higiene e Medicina Legal," escrito pelo Dr. Pereira de Lyra, destaca-se a afirmativa de que a dona de casa deve ser educada, uma vez que ela é considerada o núcleo central da célula social, ou seja, a família:

Para aprimorar as condições de higiene para os habitantes rurais, é imprescindível que os governos federal, estadual e municipal intervenham: (...)
d) promovendo a educação doméstica agrícola para formar a dona de casa, entendida como o núcleo essencial da célula social, ou seja, a família, cujos resultados são reconhecidos em países desenvolvidos; (...) (LYRA, 1917, p. 102).

Outro artigo de autoria do Dr. Pereira de Lyra, datado de 19 de fevereiro de 1917, intitulado "Sessão de Higiene e Medicina Legal", o médico mencionava o conceito de mulher-mãe. Nesse contexto, destacava a necessidade de reduzir a mortalidade infantil, propondo medidas como "combater o alcoolismo e a sífilis; proteger a mulher grávida regulamentando seu trabalho e estabelecendo a maternidade; educar as mães em sua principal responsabilidade de criar os filhos" (LYRA, 1917, p. 20).

Contudo, nem todas as mulheres podiam se restringir aos papéis tradicionais de cuidar da casa, do marido e dos filhos, mesmo que o desejassem. As mulheres enfrentavam disparidades sociais, como as de ordem racial, religiosa e econômica. Diante dessas complexidades, o discurso médico foi compelido a desenvolver estratégias para conciliar as exigências do sistema capitalista com a diversidade de situações enfrentadas por mulheres de diferentes camadas sociais.

No intuito de contemplar as necessidades da mão de obra no sistema capitalista e atender à cultura do consumo, especialmente nas camadas menos favorecidas da sociedade, os médicos propunham a creche como uma solução. Esta instituição cuidaria das crianças enquanto as mães, forçadas a abandonar o lar para prover o sustento familiar, estivessem trabalhando fora de casa (LYRA, 1917, p. 120).

Em artigo já mencionado neste trabalho, o Dr. Reinaldo Machado discutiu o tema do patriotismo e abordou a queda de privilégios, incluindo aqueles associados ao gênero. Algumas interpretações podem sugerir que ele possuía ideias progressistas, buscando a igualdade entre homens e mulheres. Contudo, é importante ressaltar que Machado, sendo um fruto do seu tempo, não se referia à promoção da igualdade ou o significado dos privilégios.

Diferentemente dos médicos que buscavam evidenciar a suposta inferioridade física e mental das mulheres, Reinaldo Machado possivelmente abordou a complementaridade entre ambos os sexo, como já mencionado pela historiadora Rachel Soihet (1989). Para ele, as disparidades biológicas e sociais não sugeriam hierarquia, mas sim funções complementares. Enquanto o homem desempenhava o papel de provedor do lar, a mulher seria mãe e dona de casa, encarregada da educação dos filhos e do bem-estar do marido. Sob essa perspectiva, homens e mulheres seriam considerados iguais, cada um cumprindo seu papel natural e atendendo às expectativas culturais relacionadas a seus corpos.

A medicina, assim, procurava encontrar meios para controlar e disciplinar os corpos das mulheres, considerando as demandas do sistema capitalista. Embora as mulheres não pudessem se dedicar exclusivamente aos papéis de mães e esposas devido às exigências econômicas, não poderiam abandonar a concepção tradicional da mulher como mãe, esposa e dona de casa. Esse conflito resultou em estratégias que visavam conciliar a necessidade de mão de obra feminina no mercado de trabalho com o papel culturalmente esperado da mulher.

Por outro lado, mulheres pertencentes às camadas sociais mais favorecidas, como as associadas à Associação de Damas de Assistência da Maternidade e à Infância, tinham posições distintas. Envolvidas em auxiliar a Maternidade do Paraná e mães carentes, essas mulheres, que não precisavam trabalhar fora de casa para sustentar suas famílias, eram frequentemente direcionadas para o cuidado da casa, dos filhos e para prestar assistência a outras mulheres nessas tarefas. Em essência, estavam fortemente vinculadas ao papel de mãe e às questões relacionadas à maternidade.

A abordagem também contemplava mulheres que, embora fossem mães e não exercessem atividades profissionais remuneradas, eram ainda classificadas como nervosas devido a comportamentos que desagradavam tanto aos médicos quanto à sociedade. No contexto de uma Mulher-Mãe, esperava-se não apenas responsabilidade materna, mas bons hábitos, equilíbrio, serenidade e comportamentos elegantes para desempenhar seu papel na educação dos filhos. Padrões comportamentais específicos, como evitar arrotos e vestir-se de

maneira recatada, adotando vestimentas que simbolizassem seriedade e pureza eram almejados.

Mulheres que não se enquadravam no ideal de Mulher-Mãe por não seguirem as normas estabelecidas eram diagnosticadas com alguma patologia. Já aquelas que não alcançavam esse ideal devido a necessidades econômicas ou demandas do sistema eram assistidas pela Medicina e pela sociedade. Neste sentido, pode-se perceber que o discurso dos médicos no Paraná procurou abordar a contradição entre as realidades distintas das mulheres pobres e ricas em relação à maternidade e às expectativas culturais impostas aos corpos femininos. Esses exemplos evidenciam como a figura da Mulher-Mãe era contrastada com quais outras figuras de mulheres, consideradas anômalas pelos profissionais médicos e também como os discursos buscavam constantemente educar os corpos femininos.

A linguagem médico-científica servia como instrumento na busca por sujeitar o cumprimento da função de mulheres, mães, esposas, filhas, serenas, puras, passivas, emocionalmente frágeis, submissas já que diagnosticava como anormais, histéricas e nervosas, caso não desempenhassem o papel almejado/idealizado e socialmente aceito. Diagnósticos que revelam o quanto a ciência não é neutra, mas permeada pela cultura de seu espaço-tempo. No caso da medicina, embora no processo da institucionalização científica e profissionalização da área no início do século XX, os médicos no Paraná estiveram imbuídos de um olhar marcado pela cultura e pelas normas de gênero prevalentes no período. Portanto, nenhum além do seu tempo, mas frutos dele, compreendiam a sociedade a partir da lupa que lhes era possível vislumbrar, uma lente que projetava a construção de uma sociedade eugênica, de dominação branca e masculina. Por outro lado, a partir desta lente é possível perceber nuances que não coadunam com aquilo que se esperava para a sociedade daquele período, a *contradição*, presente em *todos os tempos*. Os indícios sobre a patologização da conduta de algumas mulheres contribuem para perceber que havia resistência, ou resistências (Foucault, 2013), tentativas de subverter a ordem que buscava-se construir e/ou manter, pois, estas mulheres de alguma maneira não cumpriam com as expectativas atribuídas aos seus corpos já categorizados como de fêmeas (Butler, 2000) e, portanto, foram definidas a partir de operações discursivas como histéricas e nervosas.

Assim, apesar da pretensão de cientificidade, o discurso médico adotava a imagem da mulher ideal, que guardava semelhanças com a da Virgem Maria propagada pelo Cristianismo: pura, santa, mãe, serena e submissa às ordens divinas. Esse modelo normativo

contrastava com explicações patológicas destinadas a interpretar como desviantes as condutas que se afastavam desse padrão.

Considerações Finais

A análise das fontes possibilitou perceber como, entre 1916 e 1930, o discurso dos médicos do Paraná buscou estabelecer um perfil da mulher ideal. A linguagem médica adaptava-se mesmo diante das contradições sociais entre mulheres ricas e pobres. Além disso, reforçava a ideia de normalidade ao considerar patológicos os comportamentos das mulheres considerando-os como anormais ou desviantes. Na contrapartida, construía o perfil da mulher ideal, a partir da figura da Mulher-Mãe, que deveria atender padrões comportamentais e estéticos fundamentados em características como passividade, fragilidade, submissão, serenidade e pureza. Imagem que, por sua vez, coaduna com a figura cristã da Virgem Maria, o que contribuiu para perceber a aderência de ideias religiosas na construção de um retrato da normalidade em meio à linguagem médico-científica.

Outrossim, destaca-se que o discurso médico não era estático, assim como seus autores. Em meio aos jogos de linguagem, eram desenvolvidas estratégias retóricas a partir das quais eram adaptados aos atos *de fala* às contradições sociais, culturais e econômicas do período. Ao considerar as mulheres pobres que necessitavam trabalhar fora de casa, por exemplo, os médicos desenvolveram estratégias discursivas na procura por conciliar demandas do sistema capitalista com as expectativas culturais de que as mulheres deveriam ser mães e esposas ideais.

As conclusões apontam para a dualidade do discurso médico do período que, embora buscasse adaptar-se às transformações sociais, ao mesmo tempo, reforçava as normas de gênero presentes no contexto. O estudo também ressalta a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada para entender a dinâmica das relações de gênero e as imposições sociais em jogo nos textos analisados.

A investigação permitiu não apenas compreender as operações discursivas, os jogos de linguagem e as estratégias retóricas vinculados às construções de sentidos e normas de uma determinada cultura acerca de como a identidade de gênero e sexualidade poderia ser expressa e como essa definição foi constituída por uma teia de relações de poder, mas também possibilitou identificar que mulheres buscaram resistir por meio de condutas que foram consideradas anormais ou desviantes e, portanto, foram definidas a partir de operações

discursivas como históricas e nervosas, o que demonstrou contradições e complexidades presentes no processo de medicalização do corpo feminino ao longo do contexto histórico abordado.

Referências

BUENO, Alexandra Padilha. Intelectuais brasileiras e seus projetos formativos para a emancipação da mulher: a Pedagogia Feminista em disputa (1910-1940). Tese (Doutorado em Educação). Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

ROSS, Silvia de Ross. Paraná-Médico (1916-1930): intelectuais em defesa da ciência médica e da educação dos habitantes do meio rural. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: KÜHNER, Maria Helena. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-168. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. **“Scientia et Labor” no “Palacio de Luz”: A institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (Curitiba, 1912- 1946)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**. VI(2): 331-51, jul.-out. 1999.

FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flávio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**. Sanitarismo e Eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

PAOLA, Elizabeth Braga de Oliveira. **“Paraná Médico”: contribuição de um periódico especializado ao acervo cultural do estado**. Monografia. Curso de Gestão da Informação. UFPR. 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Projeto História**, São Paulo, vo. 24, n.1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M.S. Côrrea. – 2. edição, 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. 1. ed. Unesp, SP, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

POCOCK, John Greville Agard. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895 - 1935)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul. dez, 1995.

SKINNER, Quentin. **Visões da Política: sobre os métodos históricos**. Algés, Portugal: Difel, 2002.

SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. da FIOCRUZ, 2005.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Contextualismo Linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação. Ver. **Bras. Educ.**, Maringá-PR, v. 17, n.3 (46), p. 31-55, jul./set., 2017.

WEEKS, Jeffrey. *Invented moralities: sexual values in an age of uncertainty*. Nova York: Columbia University Press, 1995.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Fontes

AMARAL, Victor do; MOREIRA, Carlos. Sociedade de Medicina do Paraná. Acta da Sessão realizada a 25 de Agosto de 1925. In: **Paraná Médico**. 19 set. 1925, p. 30, a. VII, nº 2.

AMARAL, Victor. Universidade do Paraná - Relatório. In: **Paraná Médico**. 19 fev. de 1917, p. 108 a II, nº7.

ANSELMO, J. Em torno do Espiritismo (DIALOGO). In: **Paraná Médico**. 19 dez 1920. p. 29-36, a. V, nº 3.

A Redação. **Maternidade do Paraná - Discurso** In: **Paraná Médico**. jan. e fev. 1926, p. 95-96, a. VII, nº 6 e nº 7.

CEJAS, Leandro. Formas anômalas de Paludismo. In: **Paraná Médico**. jan. e fev. de 1926, p. 107-110. a VII, nº 6 e nº 7.

COSTA, Correa Clóvis da. Enxerto de Ovario. In: **Paraná Médico**. dez. de 1925, p. 72. a VII. nº 5.

FERREIRA, João Candido Ferreira. Charlatanismo, Balanço Metaphysico, Espiritismo. In: **Paraná Médico**. Mar. e abr. 1926, p. 113-124, a. VII, nº 8 e nº 9.

FERREIRA, João Candido Ferreira. Sessão solemne do 2º Anniversario da Sociedade de Medicina do Paraná. In: **Paraná Médico**. 19 set. 1916, p. 21-24, a. I, nº 2.

FERREIRA, Leonidas. REGISTRO CLINICO – Aphonia hysterica. In: **Paraná Médico**. 19 jan 1918, p. 506, a. III, nº 6.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow; tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro; introdução: traduzida por Antonio Cavalcanti Maia; revisão técnica: Vera Portocarrero. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRANCO, Francisco Martins. Relatório dos Trabalhos da Sociedade de Medicina do Paraná,

no anno social de 1915-1916. In: **Paraná Médico**. 19 set. 1916, p. 24-26, a. I, nº 2.

LYRA, Pereira de. Hygiene e Medicina Judiciária. In: **Paraná Médico**. 19 jan. 1917a, p. 102-104 a II. nº 6.

LYRA, Pereira de. Sessão de Hygiene e Medicina Legal. In: **Paraná Médico**. 19 fev. 1917b, p.120 a II. nº 7.

MACHADO, Reinaldo. Discurso proferido na sessão magna de 2º aniversário da Sociedade de Medicina do Paraná. In: **Paraná Médico**. 19 out 1916, p.34-35, a. I, nº 3.

MACHADO, Reinaldo. Operação cesariana – Ruptura do Utero – Laparotomia. Comunicação feita a Sociedade de Medicina do Paraná em sessão ordinária a 11 de Outubro. In: **Paraná Médico**. 19 nov. 1916, p. 56-57, a. I, nº 4.

NOWICKI, Gabriel. Aerophagia. In: **Paraná Médico**. 19 out. 1916. p. 36-39 19. a. I, nº 03.

PEREIRA, Arvaro Lobo Leite. Campanha Contra a Grippe – Relatório de Dezembro de 1918. In: **Paraná Médico**. 19 jan. 1918, p. 495-498, a. III, no 6.

SANTIAGO, Miguel. A proposito do caso de Genoveva Zebroska – memoria apresentada a Sociedade de Medicina do Paraná. In: **Paraná Médico**. 19 dez. 1916, p. 71-76, a. I, nº 5.

SANTIAGO, Miguel. Um caso de hysteria - Comunicação feita á Sociedade de Medicina do Paraná. In: **Paraná Médico**. 19 ago. 1916, p. 06-09, a. I, nº 01.

SZELIGOWSKI, Miroslau. Syndrome Cecal. In: **Paraná Médico**. Jan. e fev. de 1926, p. 81-86. a VII. nº 6 e nº 7.

Recebido em: 15 de janeiro de 2024

Aprovado em 07 de maio 2024